



DAVOS OU PENTECOSTES?

A Globalização entre Babel e o Espírito

Evaristo de Miranda

A terra inteira utilizava a mesma língua e as mesmas palavras.

Gênesis 11,1

Cada um os ouvia falar em sua própria língua.

Atos dos Apóstolos 2,6-7

A festa de Pentecostes evoca a globalização. Duvida? Globalização é uma das palavras mais presentes nas análises sociais, econômicas e políticas. Ela surge como explicação para muitos desafios, mudanças e conquistas atuais da humanidade. Sob o tema, não confundir com multilateralismo, encontra-se toda sorte de considerações e posições: desde os mais fortes defensores até os mais obstinados oponentes. Esta “novidade” é antiga.

Há milênios, a tradição judaica e cristã debate a globalização e posiciona-se, em bases muito radicais. Nem críticos, nem defensores do processo atual, ainda não se deram dessa contribuição da tradição judaica e cristã, sua alteridade e seu sal, independentemente de opções partidárias. O desafio é transformar Babel em Pentecostes.

Para muitos, a globalização é um processo típico da segunda metade do século XX. Ele conduz à crescente integração das economias e sociedades dos vários países, especialmente da produção de mercadorias e serviços, mercados financeiros e difusão de informações. Outros discordam com a data. A globalização começou com Portugal no século XV.

O processo de globalização remete – com razão - às caravelas e aos descobrimentos lusitanos. Os portugueses acabaram com a “insularidade” da Europa, Ásia, Polinésia, África e América. A partir do gigantesco feito de Vasco da Gama, os portugueses colocaram em diálogo econômico e cultural, progressivamente, civilizações e continentes. A navegação de alto mar possibilitou o contato direto e cada vez mais amplo entre a civilização europeia – com uma capacidade inédita de acumulação – e civilizações e povos distantes, sem a intermediação de uma sucessão de povos vizinhos. Os portugueses apresentaram ao “nosso mundo” as Molucas, a Índia, a China e o Japão. Na obra *Os Lusíadas*, Camões eleva aos patamares do universo mítico os feitos lusitanos, cingindo-se das regras aristotélicas, tomando por modelo Virgílio e Homero e comparando Vasco da Gama a Ulisses e Enéias. No paradoxo do relato mítico é como se portugueses se dispersassem pela terra, deslocando-se para o Oriente, para poder descobrir e unir os povos.

A tradição bíblica já havia refletido, há milênios, sobre os riscos e promessas de uma humanidade unificada. Os relatos míticos do início do livro do Gênesis concluem-se com a parábola da torre de Babel. O episódio começa evocando uma humanidade uniforme e não unificada, idêntica e sem identidade, sem alteridade. “A terra inteira utilizava a mesma língua e as mesmas palavras. Ora, deslocando-se para o oriente, os homens descobriram...” (Gn 11,1-2). As descobertas parecem estar mesmo no Oriente, de onde a velha asserção: *Ab Oriente lux* ou a luz vem do Oriente. Orientar-se. À qual agregou-se um corolário: *Ab Occidente progressus* ou seja, o progresso vem do Ocidente.

Babel, é um episódio conhecido. Se o leitor esqueceu, vale reler e meditar. É uma daquelas raras e estranhas situações nas quais Deus fala no plural. Diante de um mundo singular, uniforme e Deus se apresenta plural: “Vamos, desçamos e confundamos a língua deles, que não se entendam mais entre si! Dali o Senhor os dispersou sobre toda a superfície da terra e eles cessaram de construir a cidade. Por isso, foi dado a ela o nome de Babel, pois foi ali que o Senhor confundiu a língua de toda a terra, e foi dali que o Senhor dispersou os homens sobre toda a terra.” (Gn 11,7-9).

Esse episódio tem enorme riqueza de significados, quando penetra-se na raiz hebraica das palavras: tijolo, palha, argamassa pedra e betume. Aqui importa destacar um significado político: a parábola traduz a tentação do homem garantir a unidade da humanidade por um imperialismo político neopagão. Ele é exemplificado aqui, de forma anacrônica, pela Babilônia. Poderia ser aplicado a muitas cidades, ao longo da história, de Roma a Nova Iorque, passando por Pequim.

A globalização, como dominação universal, deve ser rejeitada. Ela anula identidades, escraviza mentes e corpos e leva à fusão e a confusão. É também praticada, em outra escala, por seitas e pretensas igrejas. Nisso reside uma das maiores idolatrias dos dias atuais: seitas vendem - pela televisão - uma torre para conquistar Deus, os céus e a riqueza material. Elas constroem e vendem esse ídolo: a imagem mecanicista de um Deus comerciante. Apresentam o sacrifício a Deus como sinônimo da entrega de dinheiro aos cofres da seita. Não raro, esses pastores vivem da gordura de suas magras ovelhas. “Ai dos pastores que apascentam a si mesmos! Não é o rebanho que eles devem apascentar? Comeis as partes gordas, vos vestis com a lã, sacrificando os animais cevados, mas o rebanho, não o apascentais!” (Ez 34,2-3). Cabe também como perene exortação aos donos do poder, dirigentes de organismos internacionais, superpotências e qualquer autoridade.

Essas divisões, como a Babel dos Fóruns Internacionais - de Davos às COPs – não podem ser superadas pela uniformidade, nem pela força. Uma via está no livro dos Atos dos Apóstolos. Desde o ano 200, os Atos já eram considerados uma obra apostólica por excelência. Em sua primeira parte, os elementos são justapostos, quase sem cronologia, numa língua grega de tendência semitizante e com cores míticas: “Ora, em Jerusalém, residiam judeus piedosos, vindos de todas as nações que existem sob o céu. Ao rumor que se propagava, a multidão se reuniu e ficou toda confusa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. Perplexos e maravilhados eles diziam: Todos esses que falam não são galileus? Como é que cada um de nós os ouve em sua língua materna?” (At 2,5-8).

Foi no dia da Quinquagésima, de Pentecostes, da festa judaica de Shavuot (semanas), no início do verão, face ao dom das colheitas. Quarenta e nove dias após Páscoa (7 x 7), num sinal de plenitude, jubileu e de outro mundo. O dom de Deus, do Santo Espírito, se exprime como uma explosão de linguagem!

O dom do Espírito restabelece a unidade linguística e não sua uniformidade: todos se entendiam, cada um em sua própria língua! Verdadeira humanidade. Verdadeira fraternidade.

Esse universalismo cristão, essa catolicidade, preserva e exalta identidade, separação, diferenciação e alteridade. Num todo (holos), num catolicismo (*katholikós* = universal) que é mais que a soma das partes e a transcende. A Igreja católica deve prefigurar essa unidade na diversidade. Como no pioneirismo extraordinário dos jesuítas na China e seus esforços de inculturação, através do Confucionismo, no século XVI, ou ainda em suas experiências catequéticas com os guaranis.

Essa é a dimensão universal da inculturação e da missão apostólica dos cristãos, bem além de qualquer proselitismo. Na política, esse é o espírito da globalização tão necessário ao Brasil: unir na diversidade para defender o país, sua história, sua agropecuária e seu povo.